



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

DESVENTURAS DO
RÓI-RÓI



Rói-Rói sai do seu buraco, muito lépido e pimpão, à procura dalgum naco... nem que seja só de pão!



Sobre a mesa de jantar, e na ausência do Tareco, que estava longe a miar, descobre um pão «papo-seco».



Contente como um ratinho que se présa, o Dom Rói-Rói regressa ao seu buraquinho; e os mais perguntam — «que foi que te pôs tão contentinho?!»

Só a gente nada acha! Mas, de repente, contudo, ríem da grande laracha: pois era um pão de borracha, bela partida de entrudo!

E, então, toda a rataria que antes só inveja e dolo havia sentido, ria, ria agora e só dizia: —«Quem te manda a tí ser tolo?!»



CONCURSO DE PANTOMIMAS TRACALHICES

Por MANUEL VIEIRA CLARO

1.º - PRÉMIO

ACTO ÚNICO

A scena passa-se numa rua dum vilão com certas pretenções a cidade.

Ao abrir o pano, a scena encontra-se deserta, entrando, pouco depois, pela E. (esquerda), Tia Rita, a Alcoviteira e pela D. (direita) o sr. Doutor.

SCENA I

O Doutor (*mostrando grande curiosidade*). — Então, Tia Rita? Ela o que disse?...

A Alcoviteira (*reservada*). — A maluquinha da Rosa parece que tem vergonha! Quando lhe disse que o sr. Doutor lhe queria falar a sós, começou por se pôr muito corada, baixou a cabeça e acabou por me dizer: (*fazendo o possível por imitar a voz de Rosa, aflautando a sua*). — Olhe, Tia Rita, eu, diga-se a verdade, gosto muito dele, mas eu sou tão pobre — (e ele é um doutor), — que tenho um certo receio... um certo medo...

O Doutor — Medo?! Medo de quê?!

A Alcoviteira — Eu sei lá, sr. Doutor! Estas raparigas de agora são todas umas malucardas, que eu, se quere que lhe diga...

O Doutor — Bem, Tia Rita! Veja se a convence; diga-lhe que gosto muito dela, que casarei com ela, e você mulherzinha não terá razão de queixa!... (*dá-lhe uma moeda*).

A Alcoviteira — Muito obrigado, sr. Doutor! O sr. Doutor bem sabe que eu tenho feito todos os impossíveis para o conseguir... (*o doutor sai, sem esperar que a velha acabe*).

SCENA II

A Alcoviteira e pouco depois o Taberneiro

A Alcoviteira (*só*). — A Rosa há muito que

me disse que estava pronta a falar com o palerma do Doutor, mas convém-me não lho dizer por enquanto, para o peixe render mais! Se acaba esta mina não encontro outra tão çedo!

O Taberneiro (*entrando com um cacête nas mãos*). — Então, Tia Rita! Que tal lhe correm os negócios?

A Alcoviteira (*assustando-se e aparte*). — Patife! Queres-me entrar em casa! (*alto*). Mal, muito mal, sr. Taberneiro! O dinheiro não chega para as despesas! (*repreensiva*). Mas olhe que não é bonito uma pessoa meter-se na vida dos outros!

Taberneiro (*zangado*). — Isso para mim não serve, bruxa de trinta mil diabos! Tu bem o sabes! Que poderei eu dizer de ti?! Safa-te daqui para fóra, se não queres que te parta em dois! Vamos!... Avia te!...

A Alcoviteira (*saindo*). — Malandro!

O Taberneiro (*rindo*). — Eu, malandro?! E tu, grande alcoviteira?!... Agente de propaganda da vida alheia!...

SCENA III

Taberneiro e Rosa

O Taberneiro — Raio de mulher! Qualquer dia fica-me nas mãos! .. (*reparando em Rosa que acaba de entrar*). Olá, menina Rosa! Então, que tal vai essa saúdinha?

Rosa — Um pouco abatida, sr. José!

O Taberneiro — Mas estou que não é coisa que se torne preciso chamar o doutor?!

Rosa (*curtosa*). — Viu-o?!

O Taberneiro (*admirado*). — A quem?!

Rosa — A ele... Ao Doutor...

O Taberneiro — Não, menina Rosa, não vi! Ele costuma muito rondar estes sítios, mas hoje



ainda por aqui não apareceu! Quem saíu daqui, há pouco, foi a má-língua da Tia Rita! Ainda um dia lhe hei-de partir as costelas!

Rosa — Não seja tão mau! Olhe que, ali onde a vê, é uma mulher muito prestável!

O Taberneiro — Será prestável, será; mas também lhe digo: — Livre-se a menina Rosa de lhe cair nas mãos ou de lhe confiar o mais pequeno segredo! Passados dois minutos todo o mundo o saberá!

Rosa (amedrontada). — Exagera, sr. José!

O Taberneiro — Vejo que a menina não conhece a peça que ali está! Olhe! ali vem o sr. Prior! Aquilo, sim! Aquilo é que é uma santa alma!

SCENA IV

Os mesmos e o prior

O Prior (entrando). — Bons dias lhes dê Deus!

Rosa e Taberneiro — Bons dias, sr. Prior!

Prior (dirigindo-se a Rosa). — Dou-te os meus parabens, pequena! Já sei que temos casório!

Rosa (corando). — Não percebo, meu padre...

O Prior — Não percebes? Então não é verdade o que me disse a Tia Rita?! Que o sr. Doutor quer casar contigo e que, para tal, só espera que tu lhe dês o «sim».

O Taberneiro — Vê, menina?! Eu não lhe dizia?! Se apanho a velha, racho-a! Olé se racho!... (sai de cacete ao ombro).

SCENA V

Rosa, Prior e pouco depois o Doutor

O Prior — Então! Não é preciso corar! Vê-te no rosto que gostas dele! Que mal há nisso! Ele quer fazer de ti sua esposa, não é verdade?

O Doutor (entrando). — E' sim, senhor prior! Espero só que Rosinha me diga que sim, que quere ser a minha companheira!

Rosa (sempre de cabeça baixa). — Mas, sr. Doutor! Eu sempre disse que seria sua esposa!

Doutor — Mas... a Tia Rita disse-me que a menina tinha um certo receio que...

Rosa (atalhando). — Não, não é verdade, creia-me!...

O Doutor — Maldita mulher!

O Prior (repreensivo). — Não se amaldiçoa

ninguém! Maldito só Satanaz! E agora que tenho a certeza de que ambos gostam um do outro, que Deus os abençõe, meus filhos! Lá os espero na Igreja.

(Vai para sair quando entra o policia conduzindo o Taberneiro e a Alcoviteira).

SCENA ÚNICA

Todos os personagens se encontram em scena

O Prior — Que aconteceu, sr. guarda?!

O Policia — Fui encontrar este homem à pancada a esta vélhota e, como o meu Cabo quere que a ordem seja mantida a dentro das barreiras, vou pô-los umas horas à sombra para que, para a outra vez, tenham mais juizinho! *(com ares de importância)*. A ordem tem de ser mantida!

O Taberneiro — Qual juizo nem qual carapuça!? Então o sr. Guarda julga que tem mais juizo do que a minha pessoa!? Olhe que aqui onde me vê...

O Policia — Repare que você está a ofender a autoridade e isso pode custar-lhe caro!

O Taberneiro (sem se amedrontar) — Eu se desanquei essa bruxa, foi porque ela andava a meter em mal o sr. Doutor com a menina Rosa! Ouviu, sr. Guarda? Não é verdade, sr. Doutor?

O Doutor — E' verdade, é! O guarda deixa-os a ambos em liberdade porque tenho a certeza de que não tornarão a ser encontrados como o foram hoje! A esta mulher deve ter-lhe produzido efeito a lição que apanhou!

A Alcoviteira (colérica). — Saiba, Doutor, que nunca precisei dos seus favores para nada e quanto à Tia Rosa, lá por ires casar com um Doutor, não julgues que has-de espezinhar aquela a quem deves a tua felicidade! Sim, porque se não fôsse eu... não sei se sabes que...

O Taberneiro — Eu dou cabo desta mulher!... *(dirigindo-se ao policia)*. O' sr. Guarda! Deixe-me só dar-lhe mais duas pancadas, nem que tenha de lhas dar fóra das barreiras! Deixa?!

O Prior — Não, senhor! *(à Tia Rita)*. Vá-se embora e não torne a meter-se na vida de ninguém, pois, como viu, desagradável é o resultado que vem a tirar!... Deus perdoar-lhe-há todo o mal que haja feito!

(Continua na página 7)

CONCURSO
— DE —
PANTOMINAS



Odette Passos de Saint Maurice

Conforme prometemos no nosso número passado, temos o prazer de publicar hoje os retratos do premiado e de dois dos classificados, com menção honrosa, faltando apenas o de Manoel Coelho Alcântara, cujo retrato ainda não recebemos.



Sidónio de Araujo Muralha

CONCURSO DE BELEZA

Por TOUTINEGRA
Desenhos de Castañé



ERA muito ratão o rei de um célebre reino de rataria D. Ratelo de Toca-Rica.

Tinha a mania do discurso em que sempre fazia figuras de Urso. Sua esposa D. Ratabucha de Papabôa Toca-Rica, era muito gorda, muito comilona e muito surda. Isto fazia com que nada ouvisse dos discursos do seu régio es-

pôso e, como não podia fazer nada que a entretivesse e, muito principalmente, comer, seu único e predilecto em-
prêgo, quási sempre adormecia.

O rei desesperava-se e, então, quando a rainha começava a rressonar com estrondo, levava o desespero ao máximo e findava o discurso por palavras ásperas á rainha D. Ratabucha.

Do simpático casal haviam duas filhas, as princesas Rattine e Raticica de Papabôa Toca-Rica, ambas formosas, prendadas mas nadas boas nem bem educadas.

No momento em que tomais conhecimento com esta ratona família, encontrava-se ela reunida e D. Ratelo, na cadeira do seu trono, falava aos seus vas-
salos. Ouvi o que dizia:

— Senhores:—De hoje a oito dias, dia do aniversário do meu casamento, quero que haja rija festança, com música e dança, bebidas e papança que encha a pança e a todos fique na lembrança. De seguida vou apresentar o programa: — A's 10 horas da manhã, deve haver missa dita pelo reverendo D. Ratólio de Rezarratos. Na tarde dêsse mesmo dia, tocará no jardim



OS BÊBÊS ao TELEFONE

Por IVONE DE OLIVEIRA E SILVA
Desenhos de A. CASTAÑÉ

..... Trim-im-im-im-im.....

— Trim-im-im-im

.....
— Trim-im-im-im

— Está lá?

— Quem fala?

— Daqui é o Chiquinho

— Estás sozinho?

— Não!

— Então, quem está aí?!

— Está o Antoninho

Mais o Neca,

A Lulu

E o primo Zeca.

— ... Ah!...

Tantos meninos!

Estão a brincar?!...



— Sim; e tu queres vir?

— Eu queria

Más a mamã não deixa!

— Deixa, sim,

Vai-lhe pedir.

.....
— Está lá?

— E's tu,

Chiquinho?

— Sou.

Olha, ó Carlitos...

— Que é?!...

— A mamã diz que sim.

— Éna, que bom vai ser!

— Olha, traze os teus bonitos!

A bola, o arco, e o carrinho,

O popó grandão,

E aquele cavaleiro

De papelão.

— Está bem.

E o meu tambôr?!

— Trá-lo, também.

E vem depressa, sim?...

Que eu vou-te esperar

A' porta do jardim!...

do meu palácio a Banda da Guarda Ratana. A' noite, haverá baile que será abrilhantado pelo Jazz-Band Ram-tam-plam e, às 10 horas da noite, haverá no meu reino o primeiro concurso de beleza em que será eleita «miss» Rata, a mais linda ratinha que assistir a esta festa. Nos bufetes servir-se-hão bôlos e bebidas de todas as espécies e, à meia noite, haverá lauta ceia. Tenho dito.

Pela assistência perpassou um sussurro de alegria. As princesas Ratitine e Raticica começaram logo a discutir «toilettes» enquanto a rainha, que nada percebera, fazia um esforço sobre-humano para não dormir.

.....
O palácio do rei D. Ratelo de Toca-Rica era sumptuoso de arquitectura moderna, e fôra cons

truido e decorado pelas maiores celebridades ratárias. Começaram logo naquele dia os preparos para a grande festa e, chegado ao dia, estava tudo pronto e muito lindo. A igreja ficava situada na toca, ao pé de uma velha oliveira e, assim que tocou o sino, dirigiram-se para lá todas as pessoas. A missa correu bem; só desafinou um pouco o toque do órgão, e o ressonar da rainha D. Ratabucha.

De tarde o jardim do palácio foi muito concorrido e as princesas, vestidas uma de verde, outra de encarnado, estavam encantadoras. A' noite, então, é que foi lindo!!! Tudo iluminado por milhares de pirilampos, o Jazz tocava maravilhosamente e dançava-se animadamente, quando souu a hora da inauguração do grande concurso de beleza feminina.

Formaram Júri o rei, o conde de Ratanones grande roedor de retratos célebres, o duque de Rataratas, grande literato e roedor de muitas folhas de livros de versos, o engenheiro Ratanotas, o advogado Ratarachas, etc., etc.

Dai a pouco as ratinhas donzelas passavam, primeiro todas em forma e depois, uma por cada vez, pela frente do Júri. Seguiram para a sala de baile enquanto este ficou a decidir. Passada uma hora entrou na sala um aráuto que, chamando a atenção de todos com o forte som de uma corneta de prata, anunciou ter sido eleita a rainha D. Ratabela de Alva-flor, filha dos condes de Ratites. Enquanto a rainha da beleza desmaiava de comoção ao pôrem-lhe a corôa e o manto e ao ofere-

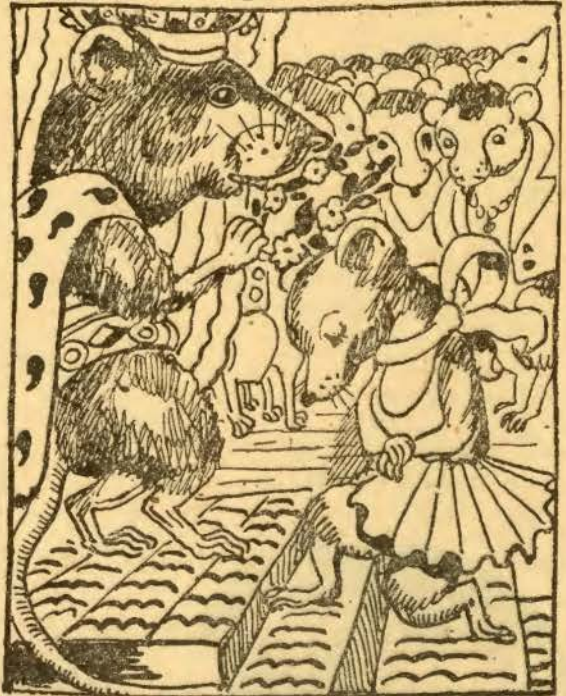


cerem-lhe um lindo cestinho cheio das mais belas flores, todas as outras concorrentes mordiam as barbas de despeito por não terem sido elas.

A um canto, as princesas Ratitine e Ratilica, cheias de inveja, planeavam uma vingança a meia voz. O Jazz tocou novamente, começou-se a dançar e as princesas, levantando-se, vieram convidar,

para ir dar um passeio pelo jardim, a rainha de beleza D. Ratabela. Esta acedeu gostosamente e lá foram...

Ora aquele convite levava água no bico e era o começo da planeada vingança. Tinha como fim levar a rainha das belas até um certo ponto, perto da igreja, que elas sabiam ser muito frequentado pelo Maltez, o mais terrível inimigo daquele reino e que fazia, por ano, centenas de mortes. Chegadas lá, chamariam a atenção do gato e, fugindo a bom fugir, ele só paparia a pobre Ratabela que, inocentemente, lá seguia confiada. Falavam de



modas. A princesa Ratitine dizia gostar muito de rabo arrebitado e pêlo lustroso, engraxado com pomadas de cor vistosas.

Assim falando, a moderna princesa, sentiu-se agarrada e, subitamente, reparou no Maltez que, despertado pelos guinchos da festa, se aproximara mais, entrando na igreja.

Ratitine começou a gritar desesperadamente enquanto as outras, fugindo, faziam também um barulho ensurdecedor. Ao chegarem á festa, contaram tudo entre lágrimas.

Foi um reboliço inexplicável.

O rei D. Ratelo, que fazia um lindo discurso sobre o melhor queijo, teve uma síncope; a rainha a quem foi preciso acordar e gritar muito, para perceber do que se tratava, assim que isto sucedeu, ia ensurdecendo todos os outros com tal guincharia, a ceia já estava posta na mesa mas já ninguém comeu com propósito; tudo tratou de abalar quanto antes de um lugar tão próximo do senhor Maltez. Enfim... A inveja mesquinha de duas meninas, enludou este reino, perturbou uma festa tão linda e ia matando de desgosto D. Ratelo e sua esposa.

Isto tudo me contou um ratinho que, uma noite destas, encontrei no meu quarto e que a tudo assistira. Não vão pois julgar que é mentira!

TRACALHICES A DIVINHA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3)

(Tia Rita a resmungar)

O Policia — Como já não é necessária a minha presença, retiro-me,...

O Doutor — Olhe! Se quiser pode aparecer por ocasião do meu casamento bem, como o sr. José! Desde já se podem considerar convidados.

O Policia e o Taberneiro. — Vivam os noivos! Vivam! Vivam!!...

O Prior. — Que Deus os abençõe e os faça felizes!

CAE O PANO

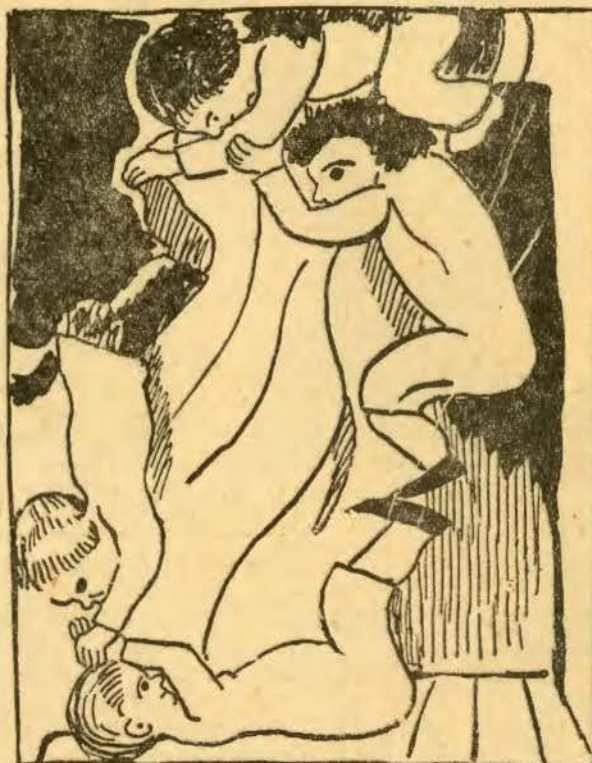
Correspondência

Toutinegra — O nosso director, desejando prestar-lhe uma homenagem no nosso suplemento, pede-lhe o favor de enviar um retratinho, o nome completo e a respectiva morada.

Mimi Grandela — O senhor Santa Rita, pedindo desculpa de não responder em carta, por falta de tempo, encarrega-me de lhe comunicar que só poderão ser publicadas, neste suplemento, novelas de assunto exclusivamente infantis.

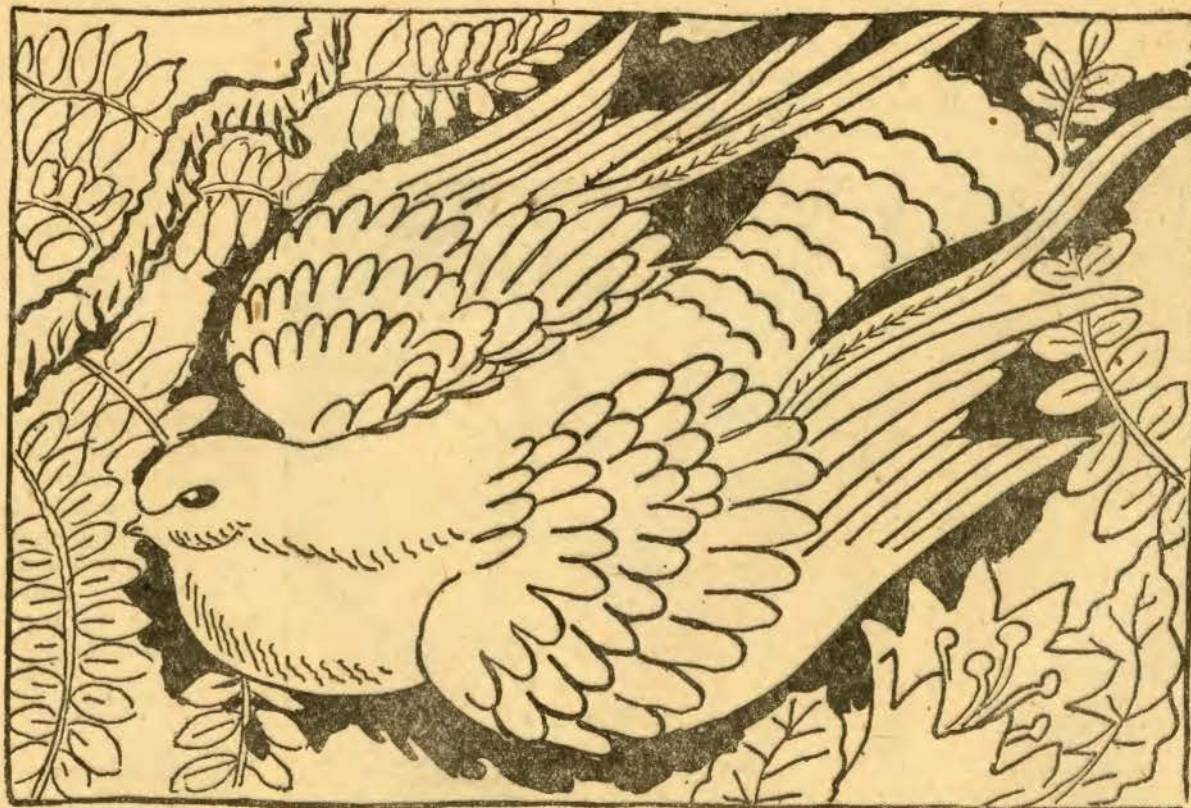
Maria Julia de Lemos — O nosso director roga-lhe também o favor de enviar um retratinho seu para ser publicado na galeria dos nossos melhores colaboradores.

TIO PAULO



Os rapazes duma escola, na ausência do professor, resolveram fazer habilidades, como os acrobatas no Coliseu, mas deram um trambolhão, deitando um reposteiro abaixo. Vejam a cara do professor ao surpreendê-los na ocasião da queda.

PARA OS MENINOS COEORIREM



Esta ave chama-se: — Porta estandarte — (Cosmetornis vexillarius)



POR JOSÉ AUGUSTO DO VALE
Desenhos de A. CASTANÉ



As simpáticas andorinhas que alegam as nossas vivendas com os seus gorgeios e que passam a maior parte da vida num trabalho extenuante, cortando o ar em todos os sentidos, ligeiras como relâmpagos, apesar-de serem apontadas como aves muito boazinhas, dizem que também

se revoltam contra o desleixo ou por outra: — *«não podem consentir que a boa Dona de casa se deixe contaminar pela doença da Preguiça»*.

E, para testemunhar esta asserção, contam as nossas avós o seguinte, a respeito delas: — Em tempos que já lá vão, isto é, tempos em que na aldeia se preparavam grandes teias de linho, dizem que era costume as boas Donas de casa fiarem uma teia, enquanto as lindas avesinhas se encontravam ausentes. E se algumas donas se descuidavam, as Andorinhas, como juizes severos que são, ao observarem que a teia não estava fiada, colocavam-se e colocam-se, ainda hoje, indignadas, na frente da casa das mulheres mandrionas ou preguiçosas, e *azoinam-lhe* os ouvidos com a seguinte *Cantata*:

«Fui p'lo Mar,
vim p'lo Mar,
e vossas teias
por fiar!
Ó mulheres,
descuidadas,

não podeis
ser amadas;
mandrionas,
dormilhonas,
comilonas,
reles donas,
reles donas,
reles donas!...»

Pelo contrário, se a mulher foi cuidadosa no arranjo da casa e na preparação da teia, então, ouvirá o canto suave nos termos seguintes: —

«Fui p'lo mar,
vim p'lo mar,
e, ao poisar,
no teu beirado,
vi o cuidado,

ó meu Anjo,
no arranjo,
do teu Lar!
E's Mulherona,
boa Dona,
boa Dona,
boa Dona!»



Ora é por causa dos «Reparos» das Andorinhas que, na aldeia, toda a mulher que trata duma teia, emprega todos os esforços para que tenha os seus trabalhos em bom andamento no regresso das Andorinhas.

Se tu quizeres viver
contente a valer,
«não deixes para amanhã
o que hoje podes fazer.»